

Hitler revisitado

Como Hitler, o que Putin pretende, com os seus golpes de força, é a restauração de um império. Sempre a pretexto da defesa das populações de língua russa.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 22 de Fevereiro de 2022

Invade ou não invade? O mundo está suspenso da situação na Ucrânia. No meio da incerteza, às vezes, a história dá jeito. A Alemanha saiu derrotada da Primeira Guerra e o Tratado de Versalhes não lhe poupou a humilhação. Caiu o império, perdeu território, pagou indemnizações de guerra e foi excluída da nova ordem internacional. Quando Hitler chegou ao poder só tinha um grande desígnio: acabar com a democracia na Alemanha e rasgar o Tratado de Versalhes na Europa. Foi o que fez, com persistência e método. Golpe a golpe.

Primeiro, remilitarizou a Renânia, desmilitarizada pelo Tratado. Estacionou tropas e tanques e os Aliados não disseram nada. Depois, anexou a Áustria, também ela privada do antigo império e amputada no seu território. Falava alemão e alguns austríacos sonhavam voltar a fazer parte de um império. Os Aliados voltaram a não dizer nada. Em seguida, reclamou os Sudetas, pequeno território na fronteira da Checoslováquia onde a população falava alemão. Aí os Aliados sobressaltaram-se. Mas numa “política de apaziguamento” Chamberlain, o primeiro ministro britânico, voou para Munique e fez um acordo com Hitler: concedeu-lhe os Sudetas. Acusaram-no de capitulação, mas [Chamberlain garantiu que Hitler só queria defender os direitos dos sudetas](#) e que só isso comprava a paz para a Europa.

Meses depois, Hitler fez tábua rasa do acordo e invadiu a Checoslováquia. Os Aliados ficaram alarmados, mas voltaram a não fazer nada. Só faltava a Polónia. A quem o Tratado tinha dado um corredor de acesso ao mar que terminava no porto de Dantzig, hoje Gdansk, onde também se falava alemão. Rapidamente Hitler arranjou um pretexto: abateu seis prisioneiros de um campo de concentração, vestiu-os com uniformes polacos e disse à imprensa que tinham sido abatidos porque tinham atacado a polícia alemã. Divulgou o “*casus belli* propagandístico” e invadiu a Polónia. Então, os Aliados dispuseram-se a combater e começou a II Guerra Mundial. Mas estava tudo escrito desde o princípio, no *Mein Kampf*: o objectivo final não era cada um dos golpes; era unificar os povos de língua alemã sob o mesmo império.

Putin também disse tudo desde o princípio. Em 2007 foi em pessoa a Munique e no salão do Hotel Bayerischer Hof, que todos os anos recebe a Conferência de Segurança, disse alto e bom som para quem o quis ouvir que [o mundo unipolar dos EUA era “pernicioso”](#). [E que nem a ordem liberal nem a arquitectura de segurança europeia eram do interesse da Rússia](#). Eu estava na sala, vi-o com os meus olhos e ouvi-o com os meus ouvidos. A sala gelou, mas o Ocidente não fez nada.

Ao contrário da I Guerra, no pós-Guerra Fria, da qual a URSS saiu derrotada, não houve tratado nem humilhação. Pelo contrário. A geografia política mudou com a adesão à NATO e à UE, mas não foi uma imposição do Tratado, foi uma escolha livre dos povos. A Rússia emergiu das ruínas da URSS e herdou, tranquilamente, o veto no Conselho de Segurança da ONU. Recebeu assistência técnica e económica da Europa e dos EUA. E, em 1997, a Acta Fundadora estabeleceu um Conselho Conjunto NATO-Rússia. [O Ocidente levou uma década a tentar integrar a Rússia no sistema internacional.](#)

Em vez disso, Putin obstinou-se com a “grandeza russa”. Mas isso não significou para ele, a modernização da economia, a estabilização da democracia ou a consolidação do estatuto internacional. Significou, antes, o desmantelamento da democracia, a expansão do arsenal nuclear, da ciberguerra e da espionagem. E, claro, a restauração do império. Como Hitler, sempre a pretexto da defesa das populações de língua russa.

Depois começaram os golpes de força. Primeiro, invadiu a Geórgia, ocupou a Abcásia e a Ossétia do Sul e reconheceu-lhes a independência. Bush reagiu, mas tudo ficou na mesma. Depois, avançou para a Ucrânia e anexou a Crimeia. Obama impôs sanções que não valeram de nada.

Agora, concentra tropas na fronteira e reconhece os separatistas de Lugansk e Donetsk. Só falta o “*casus belli* propagandístico” para invadir. Mas não nos iludamos. O objectivo não é a Crimeia ou o Donbass, é unificar os povos de língua russa sob o mesmo império e, claro, uma ordem internacional pós-democrática. Ora, é aqui que a história dá jeito. Se os Aliados tivessem travado Hitler na Renânia, talvez a guerra pudesse ter sido evitada. Mais, Munique mostrou que, com ditadores e autocratas, o “apaziguamento” não vale a pena. Pode adiar, mas nunca evita a guerra. Quando os nossos dirigentes tiverem que tomar decisões era bom que se lembrassem disto. E de que Putin respeita a força e despreza a fraqueza.

<https://www.publico.pt/2022/02/22/opiniao/opiniao/hitler-revisitado-1996424>